



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**WESLEY MANOEL ALVES DE AZEVEDO**

**A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO PARA A  
EUDEMONOLOGIA SCHOPENHAUERIANA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2019**

WESLEY MANOEL ALVES DE AZEVEDO

**A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO PARA A  
EUEMONOLOGIA SCHOPENHAUERIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

**Área de concentração:** Ética

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gilmara Coutinho Pereira

**CAMPINA GRANDE – PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994i Azevedo, Wesley Manoel Alves de.  
A importância do autoconhecimento para eudemonologia shopenhaueriana [manuscrito] / Wesley Manoel Alves de Azevedo. - 2019.  
27 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Gilmará Coutinho Pereira , Departamento de Filosofia - CEDUC."  
1. Pessimismo. 2. Eudemologia. 3. Autoconhecimento. 4. Schopenhauer. I. Título  
21. ed. CDD 193

WESLEY MANOEL ALVES DE AZEVEDO

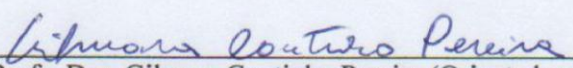
A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO PARA A  
EUDEMONOLOGIA SCHOPENHAUERIANA

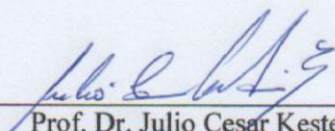
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
Licenciatura Plena em Filosofia da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em Filosofia.

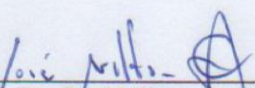
Área de concentração: Ética.

Aprovada em: 30/05/2019

**BANCA EXAMINADORA**

  
Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Julio Cesar Kesting  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha querida avó Eliete, pela sua força,  
coragem, serenidade e todos os ensinamentos.  
Por ter me acolhido como um filho, DEDICO.

“O que nos faz felizes, ou infelizes, não é o que as coisas são, objetiva e realmente, mas o que são para nós, em nossa apreensão”.

(Schopenhauer, *Aforismos para a sabedoria de vida*)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. O PESSIMISMO NA FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA .....</b>	<b>9</b>
<b>3. PARA ALÉM DO PESSIMISMO: UMA EUDEMONOLOGIA PARA A SABEDORIA DE VIDA .....</b>	<b>13</b>
<b>4. AUTOCONHECIMENTO COMO CONDIÇÃO DE UMA EUDEMONOLOGIA NO PENSAMENTO DE SCHOPENHAUER .....</b>	<b>19</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

## A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO PARA A EUDEMONOLOGIA SCHOPENHAUERIANA

### THE IMPORTANCE OF SELF-KNOWLEDGE FOR SCHOPENHAUERIAN EUDEMONOLOGY

Wesley Manoel Alves de Azevedo<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo busca apresentar como o autoconhecimento é importante para a compreensão da eudemonologia schopenhaueriana. Voltamos à base de sua filosofia com os conceitos de mundo que o filósofo estabelece em sua obra máxima *O mundo como vontade e como representação*, para compreender sua visão pessimista de mundo e como essa visão se relaciona com sua eudemonologia. Investigamos a obra *Aforismos para a sabedoria de vida*, buscando nela a fundamentação de seu conceito de “felicidade”, compreendendo que ela não descarta o pessimismo de sua filosofia, mas se integra a ele como um complemento fundamental e de forma prática. Por último apresentamos os três tipos de caráter descritos por Schopenhauer: o caráter inteligível, o empírico e o adquirido. Existindo uma essência particular a cada indivíduo, é a partir dos tipos de caráter que podemos compreendê-la. Abordamos em sequência cada um até chegar ao caráter adquirido que se destaca devido a sua compreensão aqui proposta como autoconhecimento e, portanto, fundamental para a pesquisa.

**Palavras-chave:** Pessimismo. Eudemonologia. Autoconhecimento. Caráter.

#### ABSTRACT

The present article intends to demonstrate how self-knowledge is important for schopenhaurian eudamonology. We return to the basis of his philosophy with concepts of world that the philosopher establishes in his main work *The world as will and as representation* in order to understand his pessimistic view of the world and how this view relates to his eudamonology. We investigate the book *The wisdom of life: aphorisms*, seeking in it the foundation of his concept of “happiness”, understanding that he does not discard the pessimism of his philosophy, integrates with them as a fundamental and practical complement. Finally we present the three types of character described by Schopenhauer: the intelligible character, the empirical and the acquired. there being a particular essence to each individual, it is from the types of character that we can understand it. We approach in sequence until arriving at the acquired character that stands out due to the understanding here proposed as self-knowledge and, therefore, fundamental for the research.

**Keywords:** Pessimism. Eudemonology. Self-knowledge. Character.

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura Plena em Filosofia, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – Campina Grande. E-mail: [wesdeazevedo@gmail.com](mailto:wesdeazevedo@gmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

O autoconhecimento tem atraído o interesse cada vez maior de indivíduos na sociedade atual. Através das mais variadas práticas indivíduos se submetem a procura de uma essência particular a cada um, ou seja, de conhecer um pouco mais de si e suas particularidades, com o objetivo de amenizar os sofrimentos e trazer um sentido maior a vida. Esse ato de conhecer a si mesmo não é tão novo como parece, esse processo já se encontra destacado e presente na filosofia antiga dos gregos, no Oráculo de Delfos, onde continha a famosa inscrição “Conhece-te a ti mesmo”. Conhecer as características individuais, bem como as qualidades e defeitos de caráter seria uma estratégia enriquecedora e também um meio importante de se adaptar melhor a si mesmo, ao mundo e aos outros, com o objetivo de aliviar as tensões da vida adquirindo uma existência menos infeliz.

É partindo desse caminho que o presente artigo visa apontar como a eudemonologia schopenhaueriana percebe o autoconhecimento como uma ferramenta fundamental para se ter uma vida melhor. Schopenhauer é considerado um filósofo pessimista, por sua filosofia destacar o mundo como um palco de dor e sofrimento. Como poderia, então, um filósofo considerado pessimista, falar sobre a felicidade? Pretendemos com o presente artigo apontar que apesar de sua visão pessimista, Schopenhauer também se preocupava com o bem-estar e a felicidade humana, prova disso é sua contribuição na obra *Aforismos para a sabedoria de vida*, direcionada para o campo da eudemonologia, onde ele sugere formas de alcançar em certa medida uma vida onde os momentos de felicidade não estejam tão distantes da realidade e o sofrimento possa ser combatido diariamente.

A pesquisa aqui proposta deve ser caracterizada como qualitativa, teórica e descritiva, visto que ela se vale de documentos bibliográficos do filósofo em questão, bem como de obras e *papers* de comentadores. O método empregado foi o hermenêutico, isto porque, foi realizada uma análise interpretativa dos textos compilados.

Tomamos como percurso do artigo três seções, onde cada uma trata de modo específico temáticas que visam de modo geral compreender a eudemonologia schopenhaueriana e o processo de autoconhecimento dentro de uma filosofia considerada pessimista, mas que não descarta a possibilidade de uma existência melhor.

Na primeira seção destacamos como a filosofia de Schopenhauer toma um viés considerado pessimista, para isso tivemos de recorrer a sua obra principal, *O mundo como vontade e como representação*, onde o filósofo assenta as bases de sua filosofia e traz sua noção de mundo. Partindo dessa noção de mundo, o final dessa seção estabelece uma relação

de como o filósofo enxerga a eudemonologia que, apesar de ser, etimologicamente, o estudo da felicidade humana, não contradiz sua visão pessimista de mundo. Neste ponto ele considera o vocábulo “eudemonologia” como um eufemismo, onde “viver feliz” quer dizer apenas “viver menos infeliz” ou “viver suportavelmente”, levando em conta que a felicidade sempre é algo passageiro e não constante<sup>2</sup>.

Na segunda seção entramos na obra *Aforismos para a sabedoria de vida*, visando compreender como o filósofo estabelece o funcionamento de sua noção de eudemonologia. Os *Aforismos para a sabedoria de vida* fazem parte de sua última obra, intitulada *Parerga e Paralipomena*, publicada trinta anos após a publicação de *O mundo como vontade e como representação*, foi a partir dela que Schopenhauer ganhou sua popularidade, devido ao caráter mais literário e menos abstrato da obra. O pensador se dirige nesta obra com uma linguagem clara e acessível, refletindo sobre os fatores fundamentais que motivam a busca humana por uma vida melhor. Contendo capítulos como *Daquilo que se é*, *Daquilo que se tem*, *Daquilo que se representa* e *Da diferença entre as idades*, o autor discorre sobre a amizade, a simplicidade, a felicidade, a vida, a morte e a honra. Nela o indivíduo tem papel principal como o próprio detentor dos meios de se chegar à felicidade. Pois o que se tem, como bens e dinheiro e o que se representa para os demais a partir da fama e do sucesso pouco teriam importância para a felicidade pois a mesma repousa sobre aquilo que se é.

Na terceira e última seção tratamos sobre os tipos de caráter e como, a partir deles, deriva o autoconhecimento. Schopenhauer estabelece três tipos de caráter: o inteligível (relacionado à vontade absoluta, portanto, incorrigível), o empírico (o que se manifesta na realidade e que, a partir dele, podemos conhecer uma parcela do caráter inteligível) e o adquirido (que vai sendo construído com o decorrer da vida e as experiências com os outros e o mundo). Evidenciamos nesta seção a importância do caráter adquirido para uma compreensão maior do que seria o autoconhecimento nesse processo, pois é a partir do caráter adquirido que o indivíduo adquire o conhecimento de si mesmo, e pode estabelecer, a partir de tais conhecimentos, o cultivo de uma vida com menos dor e sofrimento e ao qual remete todo ensinamento proposto na obra *Aforismos para a sabedoria na vida*.

Apesar da filosofia de Schopenhauer ser conhecida pelo seu pessimismo, destacamos nesse artigo um pensamento que não ignora as possibilidades de sofrimento, mas procura a partir desse conhecimento de si e dos percalços da vida, fazer escolhas para adquirir uma jornada menos dolorosa. Mesmo sabendo que o mundo carrega em si inúmeras possibilidades

---

<sup>2</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p.2.

de dor e sofrimento ao qual nenhum indivíduo está imune, a eudemonologia schopenhaueriana sugere uma prática de vida onde os sofrimentos podem ser amenizados.

## 2. O PESSIMISMO NA FILOSOFIA SCHOPENHAUERIANA

A filosofia de Schopenhauer geralmente é apresentada sob um viés pessimista, que se destaca visto sua visão de mundo que o retrata como espaço de dor e sofrimento. Nesta seção iremos compreender como se dá essa visão pessimista de mundo dentro de sua filosofia e como ela se relaciona com a eudemonologia posta nos *Aforismos para a sabedoria de vida*.

Schopenhauer demarcou os preceitos de sua fundamentação da moral e de sua teoria do conhecimento, porém não especificou em que medida seu pessimismo se relacionaria com sua filosofia. Segundo Debona: “Schopenhauer empregou apenas três vezes o termo pessimismo para se remeter de forma direta à sua própria doutrina”<sup>3</sup>. Com isso notamos que o caráter pessimista de sua filosofia é mais uma atribuição da interpretação de seu pensamento do que algo que o filósofo tenha enfatizado.

Existem dois pontos fundamentais para se compreender o pensamento de Schopenhauer e sua visão de mundo, é a partir deles que podemos compreender de onde vem esse caráter pessimista de sua filosofia. Dois conceitos principais que o filósofo toma como centro de todo o seu sistema filosófico: a vontade e a representação.

Parte de sua visão de mundo, Schopenhauer considerada como representação. Essa representação é o mundo tal como nos aparece empiricamente, com suas mais variadas formas e multiplicidades.

“O mundo é minha representação”. Essa é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora, apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E de fato o faz. Então nele aparece a clarividência filosófica.<sup>4</sup>

Essa explicação não visa compreender o mundo de forma científica, muito menos religiosa, mas de uma explicação que tem o intuito de uma relação direta com o indivíduo que percebe o mundo em sua volta. Aqui Schopenhauer estabelece uma relação direta da compreensão de mundo ligada ao ser humano, ou seja, uma relação que leva em consideração o que o homem entende e assimila do mundo dentro de sua capacidade de inteligência. O mundo é a representação que o indivíduo faz dele.

<sup>3</sup> “Em 1828, no fragmento póstumo 66 dos ‘Adversaria’ (cf. HN III, p 464); em 1833, no fragmento póstumo 49 dos ‘Pandectae II’ (cf. HN IV. P. 160); e, em 1855, na carta de 15 de julho a Julius Frauenstädt (cf. SW, ‘Briefwechsel’, XV, p. 393).” Cf.: DEBONA, 2016, p. 782.

<sup>4</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 43.

Ele continua: “Tudo o que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este. O mundo é representação”<sup>5</sup>. Essa representação é tudo o que aparece como figura para o entendimento do sujeito, conhecimento apresentado a partir dos sentidos e que se manifesta na aparência posta fora de nós que toma sua ordem perante as condições de conhecimento, ou seja, as intuições puras e *a priori*.

Torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra. Que o mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo.<sup>6</sup>

Aqui fica exposta à importância dos sentidos com relação ao conhecimento que o indivíduo tem da realidade e do mundo. Os sentidos seriam a única ferramenta existente para um conhecimento confiável que o ser humano pode ter de sua realidade. Mas apesar de proporcionarem esse conhecimento da realidade exterior, para Schopenhauer o conhecimento pelos sentidos não mostra a essência íntima do mundo, o que sabemos é apenas a representação de mundo dada a partir dos sentidos, essa representação pode ser considerada como condicionada a eles.

A representação seria apenas um mecanismo do sujeito cognoscente e, a partir disso, não conseguiria abarcar a explicação completa das coisas em sua totalidade e essência. É a partir dessa conclusão que Schopenhauer propõe a segunda noção de mundo ainda mais importante o mundo para ele é, sobretudo, Vontade. De um lado o sujeito experimenta-se como representação e de outro lado, como Vontade. Segundo ele:

[...] a palavra do enigma é dada ao sujeito do conhecimento que aparece como indivíduo. Tal palavra se chama VONTADE. Esta, e tão-somente esta, fornece-lhe a chave para seu próprio fenômeno, manifesta-lhe a significação, mostra-lhe a engrenagem interior de seu ser, de seu agir, de seus movimentos.<sup>7</sup>

A Vontade entra como a engrenagem que faltava à teoria da representação. Ela estaria em um nível acima, regendo o controle e a manifestação dos atos representados, que se manifesta a partir do querer e agir do indivíduo, se mostrando a partir da ação do corpo no mundo. Ela seria o único elemento permanente e invariável, aquele que dá coerência, unidade e constitui a essência do homem e da natureza.

---

<sup>5</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 44.

<sup>6</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 43.

<sup>7</sup> SCHOPENHAUER, 2005, pp. 156-157.

O corpo seria a objetivação da Vontade, a manifestação desta na realidade, executando suas potencialidades a partir de todo querer praticado pelo homem.

Querer e esforçar-se são sua única essência, comparável a uma sede insaciável. A base de todo querer, entretanto, é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual conseqüentemente o homem está destinado originariamente pelo seu ser. Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assalta-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável. Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre dor e tédio, os quais em realidade são seus componentes básicos.<sup>8</sup>

Agindo sobre a natureza e os desejos do homem, a Vontade é o que leva o indivíduo a oscilar entre dores e prazeres, faltas e satisfações, desejos e decepções, surgindo como essência e princípio do mundo. Sendo impossível fugir da Vontade, pois em vida o indivíduo sempre deseja e tenta satisfazer o seu corpo desde os desejos mais básicos de sobrevivência até os mais superficiais, induzindo-o a viver em constante desapontamento e frustração na tentativa de aliviar tais anseios, ela seria a fonte dos conflitos no mundo provocando dor e sofrimento como uma força contínua e opositora diante das variadas circunstâncias sendo, segundo o filósofo, a partir da afirmação dessa Vontade o que o indivíduo encontra é o sofrimento.

É a partir dessa essência como Vontade que provoca dor e sofrimento que a filosofia de Schopenhauer toma um viés considerado pessimista. Chevitarese faz o seguinte diagnóstico do pessimismo schopenhaueriano:

Na essência do mundo, encontra-se uma vontade cega e faminta. O indivíduo deseja sempre, sendo este seu mais íntimo ser. A vida é sofrimento. O caráter é imutável, ninguém pode deixar de ser o que é. Não há livre-arbítrio. Toda esperança em um porvir redentor é uma vã ilusão.<sup>9</sup>

Notamos com essa síntese o caráter pessimista que a filosofia de Schopenhauer abarca. Como poderia, pois, tal filosofia abarcar uma eudemonologia, se tomarmos esse conceito como o estudo sobre a felicidade humana? A filosofia de Schopenhauer se limita ao pessimismo que lhe foi atribuído? Sobre essa questão Debona irá dizer o seguinte:

Desde estas perspectivas, tudo se passa como se para além do horizonte da negação da vontade, da desaprovação da vida, da ascese mística, do quietismo Schopenhauer não tivesse oferecido nada de relevante para a consideração da vida e da ação humanas. Trata-se, em suma, de leituras – definidoras de uma imagem tradicional de Schopenhauer – que nada ou pouco reconhecem do aparato empírico-pragmático-eudemonológico desta filosofia, encerram-se nas cercanias do pessimismo metafísico de “o mundo”, e só conseguem tomar as considerações do filósofo sobre a

<sup>8</sup> SCHOPENHAUER, 2005, pp.401-402.

<sup>9</sup> CHEVITARESE, 2010, p. 127.

felicidade, sobre o uso prático da razão e sobre a vida em sociedade como riscos de otimismo e, por conseguinte, de contradição interna.<sup>10</sup>

Apesar de toda consideração pessimista da filosofia de Schopenhauer, o que Debona aponta aqui é que apesar desse caráter pessimista presente em *O mundo como vontade e como representação*, ele também contribuiu de forma direta para o bem-estar e as ações da vida humana. Schopenhauer deu contribuições para o campo eudemonológico com sua “Sabedoria de Vida”, contribuições essas que não contradizem sua filosofia metafísica, mas se tornam um complemento da mesma, como filosofia prática.

Chevitarese destaca: “A partir da investigação metafísica que nos oferece tal diagnóstico sobre o mundo, o filósofo apresenta a possibilidade de uma orientação eudemonológica para enfrentar o ‘mal de viver’”<sup>11</sup>. É na obra *Aforismos para a sabedoria de vida* que Schopenhauer irá desenvolver suas noções de eudemonologia, onde ele dá a sua contribuição de como podemos alcançar uma parcela da felicidade e do bem-estar sem, no entanto, descartar os desprazeres e sofrimentos da vida.

Schopenhauer, nos *Aforismos para a sabedoria de vida*, assumiu um novo horizonte de sua filosofia, ele declara um “desvio total [...] do ponto de vista superior, ético metafísico”<sup>12</sup> e parte para o campo que podemos considerar como empírico-eudemonológico. O que também não descarta a visão de mundo presente em sua metafísica, mas contribui com ela de forma empírica, e podemos considerar aqui, como uma reflexão de sua filosofia para a prática da vida.

Chevitarese afirma:

Ao que tudo indica, se do ponto de vista metafísico revela-se a tragédia que é própria ao existir e a impossibilidade de liberdade para a vontade, por outro lado, partindo do ponto de vista empírico, Schopenhauer sugere uma *lucidez positiva* de enfrentamento da existência, uma “sabedoria de vida”. Se a vida é sofrimento, a vingança da sabedoria é viver da melhor maneira possível<sup>13</sup>.

Com isso notamos que a eudemonologia investigada por Schopenhauer, não descarta os desprazeres e os sofrimentos que a vida pode trazer, mas o filósofo aponta para uma possibilidade de encarar tais sofrimentos através da sabedoria de vida. Segundo o filósofo, o próprio vocábulo “Eudemonologia” não passa de um eufemismo, visto que “viver feliz” quer dizer apenas “viver menos infeliz” ou “viver suportavelmente”<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> DEBONA, 2016, p.785.

<sup>11</sup> CHEVITARESE, 2010, p. 127.

<sup>12</sup> SCHOPENHAUER, 2002, pp. 1-2.

<sup>13</sup> CHEVITARESE, 2010, p. 128.

<sup>14</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p. 2.

### 3. PARA ALÉM DO PESSIMISMO: UMA EUDEMONOLOGIA PARA A SABEDORIA DE VIDA

Trinta anos após apresentar as bases de sua filosofia em *O mundo como vontade e como representação*, Schopenhauer tornou-se conhecido por *Parerga e paralipomena*, seu último livro, considerado pelo mesmo como: escritos filosóficos menores. Contendo dois volumes que possuem uma natureza mais literária e menos abstrata, é neste tratado de mais de mil páginas, que aparece em sua obra o estilo aforismático, cuja seção é justamente intitulada de *Aforismos para a sabedoria de vida*, onde o filósofo elabora sua eudemonologia. A partir de sua noção de sabedoria de vida, traz máximas com sua “ética da melhoria”, mas dessa vez pautadas na empiria da vivência cotidiana.

Logo na introdução dos *Aforismos*, Schopenhauer já estabelece um ponto de partida para pensar sua *Sabedoria de Vida*:

Tomo aqui o conceito de sabedoria de vida inteiramente em sentido imanente, a saber, no da arte de conduzir a vida do modo mais agradável e feliz possível. O estudo dessa arte poderia também ser denominado eudemonologia; seria, pois, a instrução para uma existência feliz.<sup>15</sup>

Ele toma a noção de sabedoria de vida para o âmbito da experiência possível, ou seja, da empiria, e destaca a possibilidade de uma vida mais agradável e feliz. Schopenhauer não traz uma fórmula para a felicidade, mas orientações visando contribuir para uma vida melhor.

Os *Aforismos* surgem em sua maturidade, momento esse em que decide escrever um texto mais “popular”. Nele o pensador se dirige ao leitor com uma linguagem mais clara e acessível, estão presentes na obra 53 exortações e máximas, refletindo sobre os principais fatores que contribuem para que cada indivíduo possa passar pela existência, considerando os seus dias neste mundo de uma forma menos infeliz. Uma filosofia prática ou para o dia-a-dia, visto que em todo o percurso da obra o filósofo aponta para questões cotidianas e como vencer certas artimanhas da vida.

Schopenhauer inicia os *Aforismos* estabelecendo como primeira seção uma *Divisão Fundamental*, nela ele coloca três categorias para os bens da vida humana: a primeira define como *Daquilo que se é*, que trata sobre as características individuais provenientes de si mesmo, como a personalidade, a saúde, o temperamento, o caráter moral, a beleza e a inteligência; na segunda categoria, *Daquilo que se tem*, ele trata sobre os bens adquiridos, bem como a propriedade e tudo que é externo, mas pertencente ao indivíduo; na terceira e

---

<sup>15</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p. 1.

última categoria *Daquilo que se representa*, aborda o que pode ser estabelecido sobre si na representação dos outros, ou seja, o que as pessoas tem como opinião formada sobre o indivíduo, e se restringe sobre o papel da honra e da fama.

Partindo dessa divisão, Schopenhauer destaca uma diferença existente entre a primeira categoria, *Daquilo que se é*, em relação às duas últimas. A primeira trata sobre a relação do indivíduo voltado a si mesmo e sua natureza, já nas duas últimas, para as determinações humanas, ou seja, o que o mundo externo enxerga e determina sobre do indivíduo.

Além da diferença existente entre as duas últimas categorias ele relaciona a primeira como aquela que tem mais importância diante de uma possível felicidade, dizendo:

Em consequência, o primordial e mais essencial para a nossa felicidade de vida é aquilo que somos, em nossa personalidade, porque ela é constante e ativa em todas as circunstâncias. Além do mais, não está, como os bens das duas outras rubricas, submetida à sorte, e não nos pode ser arrancada. Nesse sentido, seu valor pode ser chamado de absoluto, em oposição ao valor meramente relativo das duas outras.<sup>16</sup>

A categoria que define *Daquilo que se é*, ou seja, a personalidade, está muito mais relacionada à nossa felicidade ou infelicidade do que as duas outras que se relacionam com a aquisição de bens materiais e determinações humanas, visto que a personalidade é um bem que não nos pode ser tirado e nem está sujeita ao destino “ninguém pode fugir da sua individualidade [...] sua individualidade determina de antemão o grau de sua felicidade possível”<sup>17</sup>. Fator primordial para o bem-estar, a relação consigo mesmo e com sua personalidade é de suma importância para a conquista da felicidade proposta por Schopenhauer.

*O que o alguém é* em seu íntimo, em suas particularidades, naquilo que assimila em seu intelecto sobre sua vida e as situações cotidianas, exercem muita influência em seu bem-estar, visto que o seu contentamento ou descontentamento com a vida está totalmente relacionado com seu modo de enxergar o mundo e sua existência. Ele nos dá um exemplo dizendo que no lugar de sentirmos inveja de alguém, por algum fato que lhe aconteceu de interessante, deveríamos invejar a capacidade de apreensão e transmissão dos fatos apresentados. Segundo ele: “O mundo no qual cada um vive depende da maneira de concebê-lo, que varia, por conseguinte, segundo a diversidade das mentes”<sup>18</sup>. Sempre haverá meios de assimilar as situações postas perante a vida e o que determina aqui o bem ou mal-estar de alguém é como o intelecto do indivíduo se propõe a compreender e reagir às situações.

<sup>16</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p. 10.

<sup>17</sup> SCHOPENHAUER, 2002, pp. 6-7.

<sup>18</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p.4.



Ainda dentro desta primeira categoria Schopenhauer também destaca a importância da saúde. Para ele é imprescindível zelar pela mesma para se ter uma vida melhor e sugere formas de mantê-la:

Por conseguinte, deveríamos antes de tudo nos esforçar para conservar um grau elevado de perfeita saúde, de cuja florescência brota a jovialidade. Os meios para atingir tal objetivo são, como se sabe, evitar todo excesso e toda extravagância, movimento de ânimo veemente e desagradável, além de todo esforço espiritual demasiado grande ou duradouro; é preciso ainda fazer, diariamente, duas horas de exercícios rápidos ao ar livre, tomar frequentemente banho frio e medidas dietéticas similares.<sup>19</sup>

Tudo isso ele destaca buscando orientar a uma vida mais prazerosa, conseqüentemente uma vida melhor, visto que sem a saúde seria difícil manter uma relação mais agradável consigo mesmo. Diz que é tolo aquele que gasta sua saúde em prol de ganhos supérfluos como dinheiro, promoção, erudição, fama e gozos fugazes, afinal do que adiantaria alcançar tais coisas sem possuir mais a saúde.

Na segunda categoria que trata sobre *Daquilo que se tem*, irá aprofundar a questão sobre a importância dos bens adquiridos em relação à satisfação e felicidade. Nela irá apresentar as três classes das necessidades humanas segundo Epicuro, considerado por Schopenhauer como grande professor da felicidade.

Epicuro divide as necessidades humanas em três classes. Primeiro, as naturais e obrigatórias, relacionadas ao alimento e vestuário, que não sendo satisfeitas provocam desconforto e dor. Segundo, as naturais, mas que não são obrigatórias. Como exemplo, podemos citar a necessidade da satisfação sexual. E terceiro as que não são nem obrigatórias nem naturais, ou seja, tudo o que está relacionado ao luxo e aos excessos que o dinheiro pode proporcionar.

Dentro dessas três classes, para Schopenhauer, a mais importante e de mais fácil satisfação seriam as necessidades naturais, elas sim são de total importância para uma vida melhor, o que pode se aproximar de uma vida feliz. Já a segunda e a terceira classe, seriam de maior dificuldade de satisfação e além disso o anseio por satisfazê-las pode causar sofrimento ao indivíduo.

Na terceira categoria o filósofo trata sobre *Daquilo que se representa*, ou o que representamos na opinião nos demais. Ela se refere a tudo aquilo que é observado pelos outros e já se estabelece como um julgamento, seja ele positivo ou negativo.

Por conseguinte, do nosso ponto de vista, é aconselhável colocar-lhe limites e, por meio de ponderação apropriada e apreciação correta do valor dos bens,

---

<sup>19</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p. 18.

moderar tanto quanto possível aquela grande suscetibilidade frente à opinião alheia, não só quando ela é adulada, mas também quando é injuriada: pois ambas pendem do mesmo fio.<sup>20</sup>

Nessa categoria ele já destaca de início que esse fato seria irrelevante para a nossa felicidade, visto que a opinião do outro está sempre em constante mudança, na maioria das vezes se deixa ser levada pelas aparências e como está ligada à opinião que o outro formula não possuímos controle. Pôr limites à opinião dos demais sobre nós mesmos, quando nos agrada, seria uma boa estratégia para se ver livre de artimanhas da vaidade, que muitas vezes nos faz reféns da opinião dos outros, e não ser tão sensível quando falam mal, afinal não podemos controlar o que os outros falam ou pensam a nosso respeito; assim considera-se como vã tal preocupação.

Com isso notamos que, apesar da divisão em três categorias, fica claro que para o filósofo a que mais importa e influencia para a felicidade ou infelicidade do indivíduo seria a primeira *Daquilo que se é*, pois as duas últimas estariam mais relacionadas à exterioridade. Notamos com isso que, para a felicidade, o que mais importa é o bem-estar consigo mesmo.

Após a *Divisão fundamental*, vem o quinto capítulo, onde o filósofo escreve suas 53 máximas para a sabedoria de vida. Ele divide o texto em quatro seções: *máximas gerais*; *a nossa conduta para conosco mesmos*; *a nossa conduta para com terceiros*; e *a nossa conduta diante da marcha do mundo e do destino*.

Na primeira seção referente às *máximas gerais*, o filósofo irá destacar como regra suprema de toda sabedoria de vida o que se encontra na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, “o prudente aspira não ao prazer, mas a ausência de dor [...] a verdade do enunciado está em que todo prazer e toda felicidade é de natureza negativa”<sup>21</sup>. Aqui ele demonstra que os que buscam incessantemente os prazeres e as felicidades que o mundo pode oferecer em seu grau mais positivo e elevado, não fazem nada menos do que procurar cada vez mais tristezas, visto que as expectativas de uma felicidade constante nunca são alcançadas.

O filósofo diz que a felicidade possível é a que: “se a um estado sem dor ainda couber a ausência de tédio, então a felicidade terrena foi em essência alcançada; o resto é quimera.”<sup>22</sup>. A felicidade terrena para o filósofo só será possível com uma vida onde não se busca somente aos prazeres, mas uma vida onde se tenta evitar a dor e o tédio o quanto possível.

<sup>20</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p. 62

<sup>21</sup> Aristóteles apud SCHOPENHAUER, 2002, p. 140.

<sup>22</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p.142.

Na segunda seção que fala sobre *a nossa conduta para conosco mesmos*, como o título já diz, aborda a questão da relação que se tem consigo mesmo. Nela é destacada a importância do autoconhecimento e da própria aceitação nas mais diferentes faces da vida: “da prática de uma relação saudável com o presente, o passado e o futuro, do investimento na solidão e na construção de um planejamento de vida que inclui o exercício diário em prol daquilo que se almeja”<sup>23</sup>. Aqui Schopenhauer destaca especificamente a importância do presente em relação ao passado e o futuro. Para ele “só o presente é real e certo”<sup>24</sup>, é no presente que se dá a existência, portanto, cultivar no presente uma boa relação com cada momento vivido, principalmente aqueles onde temos a consciência da nossa saúde e bem-estar seria muito mais favorável a felicidade do que sempre recorrer ao passado pelas amarguras vividas e os arrependimento, ou viver pensando no futuro criando grandes expectativas.

No terceiro conjunto de máximas referentes a *Da nossa conduta para com terceiros*, fala sobre o valor da tolerância, da paciência e da precaução para com algumas pessoas. Uma ação equilibrada no trato com os outros e um cuidado com os acordos que fazemos. O filósofo faz tais orientações visando uma melhor relação com os demais e ainda destaca sobre manter as boas amizades.

Na última seção de máximas, *Da nossa conduta diante da marcha do mundo e do destino*, faz uma alegoria a um baralho de cartas, onde o destino embaralha as cartas e somos nós que as jogamos. Ressalta a importância da prudência e de tentar antecipar qualquer acontecimento, mas mantendo sempre a tranquilidade diante das adversidades. E não basta apenas saber intelectualmente tudo o que tem a se fazer, mas praticar cada máxima como um exercício constante frente as mais diferentes situações.

No último capítulo dos *Aforismos para a sabedoria na vida*, intitulado *Da diferença entre as idades da vida*, é onde Schopenhauer falará sobre as modificações provocadas em nós pelo tempo. No início do capítulo já destaca a importância de se viver bem cada fase da vida. Segundo ele, a única coisa que possuímos é o presente, e o que distingue durante o percurso, é que no início temos um dilatado futuro e no fim um longo passado. As alterações que ocorrem nesse processo é de temperamento e não de caráter, e de acordo com essas transformações o presente da vida de cada indivíduo sempre reserva uma parcela de situações onde pode-se viver de forma agradável.

No início da vida, a curiosidade repousa sobre um vasto universo a ser descoberto pela criança: “mais tarde, o grande número de objetos já conhecidos toma-nos coragem e

---

<sup>23</sup> CHEVITARESE, 2010, p. 135

<sup>24</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p. 155.

paciência”<sup>25</sup>. Schopenhauer ainda destaca que muita das vezes os jovens criam uma ilusão da vida através da literatura e romances e isso seria um fator que faz viverem muitas vezes em busca de ilusões e prazeres. “Na mocidade predomina a intuição, na velhice o pensamento: aquela é o tempo da Poesia, esta mais da Filosofia. Até praticamente na mocidade nos deixamos determinar mais pelas coisas vistas e por suas impressões, e, na velhice, mais pelo pensamento”<sup>26</sup>. Ele recomenda que seria muito mais importante que os jovens lessem obras bibliográficas, assim teriam um conhecimento melhor da realidade e não de suas ilusões.

Diante disso, Schopenhauer compreende que com o envelhecer vem uma certa maturidade, onde as experiências vividas já não são mais novidade, mas a reflexão sobre elas passa a ter uma maior importância, assim vai se adquirindo uma adequada compreensão da vida:

Em sentido mais amplo, pode-se dizer também que os primeiros quarenta anos da vida fornecem o texto, e os trinta seguintes o comentário que nos ensina o sentido verdadeiro e a coesão do texto, bem como sua moral e todas as suas sutilezas.<sup>27</sup>

No fim do último capítulo ele faz uma breve relação do homem para com os planetas, não de forma astrológica, como quem prevê o futuro, mas uma relação das idades da vida e suas semelhanças aos atributos referentes a cada planeta:

No décimo ano rege Mercúrio. Como este, o homem move-se com rapidez e facilidade [...]. Muda de opinião por miudezas. Com o vigésimo ano começa o domínio de Vênus: amor e mulheres possuem-no por completo. No trigésimo, rege Marte: nessa idade o homem é impetuoso, forte, ousado, belicoso e obstinado. No quadragésimo, regem os quatro planetoides: a vida alarga-se [...]. No quinquagésimo ano, porém, rege Júpiter: o homem já sobreviveu a muitos dos seus coevos e sente-se superior à geração atual. Ainda em pleno gozo de suas forças, é rico em experiência e conhecimento [...]. Então, no sexagésimo ano, é a vez de Saturno e com ele o peso, a lentidão e a tenacidade do chumbo [...]. Por fim vem Urano e como se diz, vai-se para o céu.<sup>28</sup>

Assim Schopenhauer finaliza sua obra *Aforismos para a sabedoria de vida*, trazendo uma analogia, sobre cada fase e as pretenciosas intenções do homem sobre sua passagem na terra, e nos mostra, de um modo geral, o encaminhamento de cada indivíduo e suas intenções com o decorrer da vida.

---

<sup>25</sup> SHOPENHAUER, 2002, p. 250.

<sup>26</sup> SHOPENHAUER, 2002, p. 263.

<sup>27</sup> SHOPENHAUER, 2002, p. 266.

<sup>28</sup> SCHOPENHAUER, 2002, pp. 274-275.

#### 4. AUTOCONHECIMENTO COMO CONDIÇÃO DE UMA EUEDEMOLOGIA NO PENSAMENTO DE SCHOPENHAUER

Para compreender melhor a eudemologia schopenhaueriana, destacaremos nessa seção sua contribuição sobre os tipos de caráter, com ênfase no caráter adquirido, que remete a todo o ensinamento proposto por sua obra *Aforismos para a sabedoria de vida* e define o que tratamos aqui como o autoconhecimento para uma vida melhor.

Schopenhauer inicialmente distingue, seguindo Kant<sup>29</sup>, duas concepções de caráter: o inteligível e o empírico. Diante dessas duas concepções a diferença entre os dois filósofos, é que Kant atribuiu ao caráter inteligível um fundamento racional e Schopenhauer o estabelece como a própria Vontade, ou seja, sem razão ou causa.

O caráter inteligível tem, em termos de determinação, uma superioridade em relação ao caráter empírico e o caráter adquirido. Tem por fundamento a vontade e, portanto, é metafísico, imutável e incorrigível. Segundo Schopenhauer:

O caráter inteligível coincide, portanto, com a Ideia ou, dizendo mais apropriadamente, com o ato originário da Vontade que nela se objetiva. Em verdade, não é apenas o caráter empírico de cada homem, mas também o caráter empírico de cada espécie animal, assim, de cada espécie vegetal e até mesmo de cada força originária da natureza inorgânica que deve ser visto como fenômeno de um caráter inteligível, isto é, de um ato indiviso e extratemporal da Vontade.<sup>30</sup>

Esse caráter pode ser considerado livre pela sua transcendentalidade, único e verdadeiro em todo homem é a objetividade não fenomenal da Vontade. Podemos considerar o caráter inteligível como a essência de cada indivíduo em particular:

Em conformidade com isso, a vida de cada homem, apesar de todas as mudanças exteriores, carrega sempre o mesmo caráter, e pode ser comparada a uma série de variações sobre um mesmo tema. Ninguém pode fugir da sua individualidade.<sup>31</sup>

Mesmo que sua exteriorização no caráter empírico seja camuflada por condutas que não condizem com o mesmo, devido à racionalidade no homem e a capacidade de dissimulação, para Schopenhauer, não é possível que, pelo acesso ao conhecimento seja adotada uma nova conduta diante desse caráter, pois ele é imutável. Resultante disso, toda ação ocorre em consenso com as determinações estabelecidas pelo caráter inteligível.

<sup>29</sup> Kant foi um filósofo que muito influenciou na obra de Schopenhauer com as concepções dos tipos de caráter. Schopenhauer toma dele as noções de caráter inteligível e empírico, fazendo sua contribuição estabelecendo as noções do caráter adquirido.

<sup>30</sup> SCHOPENHAUER, 2005, pp.221-222

<sup>31</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p. 6.

O caráter empírico se estabelece em correspondência com o querer da manifestação do caráter inteligível, sendo sua exteriorização no tempo e espaço a partir dos atos praticados pelos indivíduos. É o querer fenomênico da Vontade, ainda que não toque sua significação íntima, ou seja, não se manifestando por completo na realidade.

O caráter empírico é absolutamente determinado pelo caráter inteligível, o qual é sem-fundamento, isto é, não está, enquanto coisa-em-si, Vontade, submetido ao princípio de razão (forma do fenômeno). O caráter empírico tem de fornecer num decurso de vida a imagem-cópia do caráter inteligível, e não pode tomar outra direção a não ser aquela que permite a essência deste último. Semelhante determinação estende-se apenas ao essencial, não ao inessencial do decurso de vida que assim aparece. Ao inessencial pertence à determinação detalhada dos eventos e ações, que são o estofa no qual o caráter empírico se mostra; eles são determinados por circunstâncias externas que fornecem os motivos aos quais o caráter reage em conformidade com sua natureza.<sup>32</sup>

A partir da manifestação no tempo e espaço dos eventos que se sucedem é que o indivíduo irá manifestar seu caráter a partir das circunstâncias. Apesar de não possuir conhecimento completo do seu caráter inteligível, é a partir do caráter empírico que o homem irá obter as condições necessárias para a observação de suas ações, conhecer o grau de sua maldade ou compaixão, após apresentados os atos no curso do tempo.

Segundo Schopenhauer: “Só mais tarde, a partir da concatenação do conjunto, é que o nosso caráter e as nossas capacidades aparecem em plena luz”<sup>33</sup>. Se tornando a perceptibilidade do caráter inteligível, o caráter empírico, traz a possibilidade do conhecimento em parte da essência inteligível na realização das ações do indivíduo. Sem a apreensão do caráter empírico não haveria possibilidade de conhecimento do caráter inteligível, esse seria apenas um conteúdo formal de natureza metafísica. Apesar de um conhecimento mínimo, é a partir dele que mediante sua exteriorização no espaço e tempo o indivíduo tem a possibilidade de conhecer a si mesmo em partes, e reger suas ações no caráter adquirido como veremos a seguir.

De posse do conhecimento sobre os dois tipos de caráter já mencionados, trataremos agora do que Schopenhauer estabelece como caráter adquirido:

Ao lado do caráter inteligível e do empírico, deve-se ainda mencionar um terceiro, diferente dos dois anteriores, a saber, o caráter adquirido, o qual se obtém na vida pelo comércio com o mundo e ao qual é feita a referência quando se elogia uma pessoa por ter caráter, ou se a censura por não o ter<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p.224

<sup>33</sup> SCHOPENHAUER, 2002, p. 154.

<sup>34</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p.391.

O caráter adquirido se mostra através da assimilação que o indivíduo faz de si pelo intelecto, e esse conhecimento só é possível através da experiência vivida. Ele se dá através da observação das nossas relações e ações no mundo, ou seja, é o conhecimento que adquirimos sobre nós mesmos, que pode assim se denominar de autoconhecimento.

Apesar desse autoconhecimento, o indivíduo não pode transformar o caráter inteligível que constitui o seu ser, mas ele pode “mudar a direção do seu esforço, noutros termos, fazê-la procurar o que inalteradamente procura por um caminho diferente do até então seguido”<sup>35</sup>. Conhecer a si mesmo para seguir um caminho onde se sinta mais confortável perante às adversidades tanto internas, no que diz respeito ao seu caráter e temperamento, como externas para com a relação com o mundo e os outros indivíduos. Possuir o caráter adquirido gera o conhecimento da própria individualidade e dos limites de seu próprio caráter.

Conforme diz Schopenhauer:

Este nada mais é senão o conhecimento mais acabado possível da própria individualidade. Trata-se do saber abstrato, portanto distinto das qualidades invariáveis do nosso caráter empírico, bem como // da medida e direção das nossas faculdades espirituais e corporais, portanto dos pontos fortes e fracos da nossa individualidade. Isso nos coloca na condição de agora guiar, com clareza de consciência e metodicamente, o papel sempre invariável de nossa pessoa, que antes naturalizamos sem regra, e preencher, segundo a instrução de conceitos fixos, as lacunas provocadas por humores e fraquezas.<sup>36</sup>

É através do caráter adquirido que o indivíduo vai conhecendo as particularidades de sua individualidade, bem como, suas virtudes e defeitos, para assim assumir responsabilidade diante de si e dos outros com os seus atos, não mais vivendo cegamente, evitando assim desgastes desnecessários, adquirindo conhecimento para uma possibilidade de existência melhor ou menos infeliz.

Mudar o direcionamento dos esforços da vontade sem, contudo modificar sua natureza presente no caráter. Ainda que a vontade não possa ser modificada pelo conhecimento adquirido pelo intelecto, o autoconhecimento contribui para uma mudança na direção dos esforços, mudando significativamente o comportamento.

Como espectador do teatro da vontade, o intelecto pode conhecer o drama que ela encena. Este “autoconhecimento” que é atributo do caráter adquirido, ou seja, o conhecimento pela experiência de nosso querer, pode, efetivamente, modificar nosso encaminhamento na vida.<sup>37</sup>

O caráter adquirido, através do autoconhecimento, pode modificar o nosso encaminhamento na vida, aprendendo com a experiência o que se pode fazer ou não diante

<sup>35</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p.381.

<sup>36</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p.393.

<sup>37</sup> CHEVITARESE, 2010, p. 136.

das circunstâncias, passando a evitar problemas oriundos de quando se desconhece os próprios traços de caráter, evitando assim o sofrimento do esgotamento de forças em busca de algo que não possui em suas disposições. Além da aquisição da experiência de vida no mundo e o autoconhecimento, a possibilidade de cada indivíduo conquistar sua parcela possível de felicidade liga-se estritamente às questões do caráter adquirido.

A obtenção do caráter adquirido pressupõe um fator importante que contribui de forma significativa para um encaminhamento melhor diante da vida e das circunstâncias:

Para isso o mero querer e a mera habilidade em fazer não são suficientes em si mesmos, mas um homem também precisa SABER o que quer, e SABER o que pode fazer. Tão somente assim mostrará caráter, para então poder consumir algo consistente. Antes que chegue a este ponto, apenas da consequência natural do caráter empírico, ainda é sem caráter; e, embora no todo permaneça fiel a si e tenha e siga o próprio caminho guiado por seu demônio interior, descreverá não uma linha reta, // mas sim uma torta e desigual, hesitando vagueando, voltado atrás, cultivando para si arrependimento e dor.<sup>38</sup>

As habilidades e o agir sem motivos determinados não são suficientes, a obtenção do caráter adquirido requer um engajamento em uma causa que seja favorável aos atributos revelados ao indivíduo através de seu autoconhecimento. Saber o que quer e saber o que se pode fazer dentro de suas faculdades mentais e perante seu conhecimento, para então efetivar uma vida embasada na busca do que lhe seja importante, não na visão de terceiros, mas a partir de si mesmo, do que se quer e se conhece perante os atributos de sua individualidade.

Conhecendo bem o que quer e o que pode, cada indivíduo tem a chance de “aprender a lidar com o que é”, evitando que se desgaste em tentativas inócuas, pressionando seu caráter além de suas possibilidades e aumentando com isso sua carga de sofrimento. E em geral, vale frisar, tal amadurecimento só se faz através de muitos tropeços e equívocos.<sup>39</sup>

Sem tais preceitos, o homem vagueia entre seus desejos não dominados e possibilidades não condizentes com sua personalidade, muitas vezes influenciada pelo querer dos outros e não de si mesmo. Isso, segundo o filósofo, provoca o sofrimento, arrependimento e dor, a partir da não determinação de um objetivo e um horizonte a ser alcançado diante do que lhe cabe e conhece sobre si, voltando sempre atrás nas escolhas feitas, devido ao não conhecimento de si e até que ponto pode ir com sua individualidade.

A conquista do autoconhecimento, intrínseca ao caráter adquirido, é uma possibilidade de explorar melhor nossas forças, aprendendo a lidar melhor com as limitações e aprimorar as disposições naturais para aplicá-las melhor em nossos objetivos.

---

<sup>38</sup> SCHOPENHAUER, 2005, pp.392-393.

<sup>39</sup> CHEVITARESE, 2010, p. 132.



Todas as considerações feitas até então, nos faz compreender até que ponto pode-se reagir ao caráter imutável. Compreendendo assim que há uma impossibilidade de deixar de ser o que se é, porém, há caminhos para melhor se relacionar consigo mesmo e com o mundo, visto que nossa conduta pode variar a partir do caráter adquirido ou autoconhecimento, sobre o que se quer e o que se pode conquistar.

Schopenhauer destaca:

O conhecimento de nossa mente, com suas faculdades de todo gênero e limites inalteráveis, é nesse sentido, o caminho mais seguro para obtermos o maior contentamento possível conosco mesmos. Vale para os eventos interiores o que vale para os exteriores, a saber, não há para nós consolo mais eficiente que a completa certeza de uma necessidade inexorável.<sup>40</sup>

Conhecer a si mesmo perante as mais variadas circunstâncias no decorrer da vida é a melhor saída para lidar com os sofrimentos dos quais cada um não está imune. Recorrer às diferentes formas de ser, visto que há algumas que potencializam o sofrimento e outras que não. Assim usar as ferramentas do autoconhecimento para cultivar cada dia as estratégias que possibilitem uma vida melhor.

Essas possibilidades que estão ligadas ao caráter adquirido repousam na explanação sobre uma possível felicidade na obra *Aforismos para a sabedoria de vida*, e que é cultivada dia após dia amortecendo o sofrimento ao qual ninguém está imune, possibilitando assim um exercício que sempre encaminhará a uma vida melhor, ou seja, com menos dor e sofrimento.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui proposta tomou como base um olhar além do comum apresentado acerca da filosofia de Schopenhauer que, considerado um filósofo pessimista, muitas vezes é visto apenas por esse ângulo. A eudemonologia elaborada por Schopenhauer parte de um “desvio” do ponto de vista superior e metafísico de sua filosofia, apesar de considerada como um estudo da felicidade humana, ela não apresenta um desvio do seu pessimismo presente em *O mundo como vontade e como representação*, pois o filósofo parte de uma convicção pessimista de que a sabedoria de vida só pode ser realizada a partir de um “enfrentamento da vida”, como um método para livrar-se dos sofrimentos humanos.

Schopenhauer não descartou a possibilidade de uma existência melhor, pois acrescenta com sua eudemonologia uma ideia de felicidade mais “realista”, que não rejeita as

---

<sup>40</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p.395.

possibilidades de sofrimento presentes no mundo, mas tenta contribuir para que esses sofrimentos sejam amenizados a partir de um aperfeiçoamento diário que se dá através do autoconhecimento.

Cada etapa do presente artigo tentou contribuir e destacar a importância do caráter adquirido ou autoconhecimento para a compreensão de sua eudemonologia e como esse autoconhecimento pode servir para contribuir com uma existência melhor, sem descartar os sofrimentos particulares a cada indivíduo em sua existência. É pelo autoconhecimento que o indivíduo pode melhor interpretar seu papel no mundo. Enfrentando os percalços da vida é possível orientar-se por máximas e evitar, na medida do possível o sofrimento, mesmo sabendo que muita coisa está pré-determinada. É a partir do conhecimento pré-determinado de si que o autoconhecimento se torna fundamental ajudando cada indivíduo a compreender suas qualidades e imperfeições para assim evitar caminhos e situações desagradáveis. Uma filosofia prática, presente na realidade de cada um, que nos revela o antídoto para uma parcela de felicidade: conhecer a dor para sana-la.

O pessimismo do filósofo, dentro dessa perspectiva, não é o ponto final de sua filosofia, mas um ponto de partida que nos impulsiona para as possibilidades que nos restam perante a vida. Podemos concluir que analisar o pensamento schopenhaueriano sem considerar sua eudemonologia seria tomar o seu pessimismo de forma parcial, e o intuito da pesquisa foi destacar a importância e utilidade da eudemonologia schopenhaueriana e expandir o olhar acerca de seu pessimismo.

## REFERÊNCIAS

### Obras utilizadas:

CHEVITARESE, L. A eudemonologia empírica de Schopenhauer: A “Liberdade que nos resta” para a prática de vida. In: REDYSON, D. (Org). *Arthur Schopenhauer no Brasil: Em memória dos 150 anos da morte de Schopenhauer*. João Pessoa: Ideia, 2010. p. 127-146.

DEBONA, Vilmar. Schopenhauer entre pessimismo metafísico e o pessimismo pragmático. *Pessimismo e Eudemonologia*, v. 57, n. 135, p. 781-802, 2016.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

### Obras consultadas:

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer: A decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Como ler filosofia)

PEDREIRA, André Luiz Simões. Comentários sobre os conceitos de caráter inteligível, caráter empírico e caráter adquirido em schopenhauer. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 8, n. 3, p. 143-159, 2017.

PEREIRA, Gilmara Coutinho. *A possibilidade de uma vida melhor a partir dos Aforismos schopenhauerianos*. Tese de Doutorado. UFRN. Natal, 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de ser feliz*. Tradução: Franco Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Parerga y Paralipomena* (Vols. I e II). Tradução, introdução e notas Pilar López de Santa María. Madrid: Trotta, 2009.

## AGRADECIMENTOS

À divindade que está presente em tudo e se torna visível através da perfeição do universo e da natureza com suas maravilhas, providências e aprendizados.

À minha querida avó Eliete, que partiu no decorrer do curso, mas que deixou para sempre marcado em mim o seu amor, a sua dedicação e leveza, sendo fonte de inspiração para toda a minha vida. Obrigado por me acolher como um filho.

À toda minha família com destaque minha mãe Lucilene, pela vida e o exemplo de garra e coragem. Meu irmão Jheckson Nohan pela paciência e atenção a família. Minhas tias: Lucineide, sempre presente com seu cuidado e dedicação, Luciene, que desde criança ajudou e incentivou meus estudos com muito carinho e paciência e Lucicleide, por me ensinar que devemos sonhar e nunca desistir. Obrigado por tudo que aprendi com vocês.

À minha orientadora Gilmaria Coutinho pela atenção, exemplo e dedicação a cada etapa deste trabalho, bem como as ótimas aulas que fizeram despertar o interesse por esta pesquisa.

Aos professores do Curso da graduação em Filosofia da UEPB, que contribuíram ao longo desses quatro anos por meio das disciplinas e dos debates em sala, para a expansão do meu pensamento e o meu desenvolvimento no curso. À banca, que aceitou participar desse trabalho como etapa final do curso.

Aos meus colegas de sala pelo crescimento individual e coletivo, a partir de cada relato e vivência com o decorrer dos anos. Em especial a Aurineide e Josicleu que tanto me ajudaram para que essa maratona chegasse ao final.

À todos os meus amigos principalmente Alexandre, Amanda, Elaine, Jackson, Junior e Lucas, pelo companheirismo, por cada conversa motivadora, apoio nas mais variadas circunstâncias e por compartilhar comigo dessa vivência e fazê-la mais feliz.